

REDES SOCIAIS DIGITAIS NA PERSPECTIVA DA JUVENTUDE¹ **(DIGITAL SOCIAL NETWORKS FROM A YOUTH PERSPECTIVE)**

Osmar Lopes da Cunha²

Zuleica Pretto³

Resumo: As influências das redes sociais digitais vêm crescendo constantemente, sendo fundamental compreender as relações que os jovens estabelecem com elas. Os jovens configuram os principais usuários das redes sociais, sendo estas um importante elemento da constituição das subjetividades contemporâneas. O objetivo da pesquisa aqui apresentada foi compreender como os jovens se relacionam com as redes sociais na contemporaneidade. Para atingir tal objetivo, foi realizado um estudo bibliográfico a partir de publicações científicas que versassem sobre o tema e que apresentassem estudos de campos em que os jovens foram o foco de estudo. O recorte temporal desse levantamento foi de janeiro de 2010 a outubro de 2021, através de artigos publicados nas bases de dados SCIELO, PePSIC, BVS e Portal do Capes. Ficou evidente que o tema estudado é pouco presente nas pesquisas e publicações de diversas áreas, onde o número de publicações mesmo abordadas no campo da psicologia é reduzido. Através de uma análise de conteúdo, foi possível criar duas categorias de análise que são: ‘O “Eu” Online’, que aborda como os jovens constroem sua imagem nas redes sociais, e ‘Presenças na Rede’, que se refere aos efeitos na subjetividade a partir da interação com as redes digitais, em especial a extensão dos corpos via publicações. Constatou-se a preocupação dos jovens em construir seus corpos digitais, pois por meio deles tentam assegurar novas relações dentro e fora das redes sociais, possibilitando a quebra da necessidade física de se relacionar e a construção de novas dinâmicas relacionais entre jovens e seus familiares.

Palavras-chave: Redes sociais digitais, Jovens, Adolescentes, Virtualidade, Psicologia.

Abstract: The influences of digital social networks are constantly growing, and it is essential to understand the relationships that young people establish with them. Young people are the main users of social networks, which are an important element in the constitution of

1 Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2021.

2 Acadêmico do curso Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: osmar.cunha@unisul.br

3 Doutora em Psicologia. Professora Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

contemporary subjectivities. The objective of the research presented here was to understand how young people relate to social networks in contemporary times. To reach this goal, a bibliographical study was carried out based on scientific publications that dealt with the theme and presented studies of fields in which young people were the focus of study. The time frame of this survey was from January 2010 to October 2021, through articles published in the SCIELO, PePSIC, BVS and Portal do Capes databases. It was evident that the studied theme is little present in researches and publications in several areas, where the number of publications even approached in the psychology field is reduced. Through content analysis, it was possible to create two categories of analysis which are: 'The "I" Online', which addresses how young people construct their image on social networks, and 'Presences on the Net', which refers to the effects on subjectivity from the interaction with digital networks, especially the extension of bodies via publications. It was found the concern of young people in building their digital bodies, because through them they try to ensure new relationships inside and outside the social networks, enabling the breaking of the physical need to relate and the construction of new relational dynamics between young people and their families.

Keywords: Digital Social Networks, Youth, Adolescents, Virtuality, Psychology.

1 INTRODUÇÃO

Esse relatório final está vinculado ao trabalho de Conclusão de Curso da U.A. Proposição de Produção de Conhecimento Científico em Psicologia do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina em Florianópolis e tem como objetivo central analisar as interações dos adolescentes e suas percepções nas redes sociais digital.

Na década de 1960, pelo cenário da Guerra Fria, havia um medo de perigo iminente dos Estados Unidos de ser atacado a qualquer instante, de forma com que se desarticula seus sistemas de informação. Por isso foi pensado, com objetivo militar, uma rede de computadores capaz de se interligar com vários outros computadores simultaneamente, fazendo com que a informação fosse repassada para vários lugares, como uma de possibilidade de reação. Após esse período conturbado de ameaça bélica e nuclear, foi modificado o projeto militar de ARPANET para Internet, e com isso, aberto para o uso público, que através de algumas modificações trouxeram mais acessibilidade, se tornando o maior meio de comunicação da atualidade (CHALLONER, 2010).

Todo o processo de apropriação atual da comunicação é resultado de diversas mudanças, em especial, na área da tecnologia. Seu constante avanço, que através de melhores, mais avançados, menores computadores, smartphones⁴ e celulares⁵, possibilitaram ao sujeito contemporâneo estar em qualquer lugar conectado, na rua, em casa, no trabalho, e nas escolas. E com o avanço das tecnologias e novas formas de produção tornaram custo mais acessível para a população, que antes era algo que apenas empresas grandes conseguiriam comprar, hoje no século XXI, crianças, adultos, e em especial, jovens, conseguem ter seu próprio telefone celular e computador para interagir com o mundo.

Desde a Grécia antiga à Roma Antiga há um pensamento de introduzir e participação do jovem na sociedade, mesmo não havendo uma idade estabelecida (GRINSPUN; GUIMARÃES, 2008). A partir da Idade Média, século VI e VII, segundo Grinspun e Guimarães (2008, p.1), as “delimitações começavam a assumir características etárias, definidas como: infância (de 0 a 7 anos), puberdade (de 8 a 13 anos), adolescência (de 14 a 21 anos) e juventude (de 22 a 30 anos)”, sendo no século XIX, por intermédio da classe burguesa dominante, a definição da adolescência a partir dos 13 anos que conhecemos hoje.

Segundo Doron e Parot (2002) a adolescência é um período da vida em que ocorre diversas mudanças tanto físicas quanto psicológicas, momento de construção da personalidade. Um período entre a infância e a fase adulta, marcada por diversos conflitos e exigências que surgem no dia-a-dia por meio da família, amigos, escola, bairro, ao mesmo tempo que se percebem dentro de uma comunidade, mudando conforme a época, cultura e a sociedade em que vivem (MARCELLI; BRACONNIER, 2007). O conceito de adolescente, no Brasil, é definido pela ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, que considera a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (BRASIL, 1990), enquanto o Marco Legal (BRASIL, 2007) complementa que no mundo “A Organização Mundial da Saúde circunscreve a adolescência à segunda década da vida (de 10 a 19 anos) [...] (p.7).

A adolescência é fenômeno que ocorre dentro do período da juventude, na ressignificação dos vínculos, no posicionamento em frente as demandas da sua época, determinadas pelas condições sociais e pela própria experiência na história (CASTRO; MATTOS, 2009). A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a juventude dos 15 aos

⁴ O smartphone possui um sistema operacional, um programa que gerencia todo o sistema, controlando tudo que entra e sai dele, para não ocorrer conflitos entre programas. Toda a estética de interação, parte visual como ícones, tela de fundo, aplicativos são produtos de um sistema operacional, semelhante a um computador.

⁵ Desenvolve tarefas simples como ligar, mandar mensagem, tirar foto e conectar de forma limitada a Internet.

24 anos atravessando o período da adolescência jovem, de 15 a 19 anos, e jovem adulto, de 20 a 24 anos (BRASIL, 2007). Para Peralva (1997, p.9), “na sociedade contemporânea, de fato, a juventude não é mais somente uma condição biológica, mas uma definição cultural.”, e juntamente com a apropriação das tecnologias e a Internet criam um espaço para novas configurações e organizações sociais. Segundo o IBGE (2019), em uma pesquisa a respeito ao acesso da Internet pelos jovens no Brasil:

Entre os brasileiros com 10 anos ou mais de idade, a utilização da Internet subiu de 74,7%, em 2018, para 78,3%, em 2019, segundo dados coletados no período de referência da pesquisa. Como nos anos anteriores, os menores percentuais de pessoas que utilizaram a Internet foram observados na Região Nordeste (68,6%) e na Região Norte (69,2%).⁶

Ou seja, está sendo percebido um aumento na facilidade de se conectar à Internet nos jovens e foi identificado como um dos principais interesses para o uso a troca de mensagens e outras formas de se comunicar (IBGE, 2019). Uma das principais forma de comunicação em massa por intermédio da Internet são as redes sociais, segundo Recuero (2020, p.26), “são espaços construídos pelos atores⁷ de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade”. Para acessar essas redes só é possível através de sites, endereço ou referência a um determinado lugar na rede, que funcionam como uma porta de entrada para as redes sociais.

Atualmente, em 2021, o Facebook é uma das maiores redes sociais digitais que existe. Fundada em 2004, tem o maior número de usuários, segundo a pesquisa de *We Are Social* (2020), existem mais de 2 bilhões de usuários ativos no mundo, sendo 29.6% do seu público estar entre 13 a 24 anos. A sua forma de interação é por um sistema de perfis que só é possível participar e ver tudo o que acontece nas comunidades estando registrado no sistema e sendo integrante delas (RECUERO, 2020). O objetivo inicial dos criadores do Facebook era criar uma rede de contatos durante a passagem da escola para a universidade, visando um ponto seguro através de pessoas dentro da plataforma para auxiliar e conversar sobre as novas mudanças de ambiente, troca de experiências (RECUERO, 2020). Com o crescimento exponencial de pessoas agregando as redes foram surgindo novas dinâmicas de comunidades, mais rápidas e objetivas, fazendo com que o Facebook se modificasse como uma rede social digital, através de implementações de novas tecnologias que pudessem proporcionar novos tipos de experiência, como registro fotográficos, compartilhamentos e criação de vídeos. Ao ponto de

⁶ As diferenças destacadas na pesquisa a respeito da utilização da Internet nas regiões estão relacionadas diretamente a maior quantidade de zonas rurais, aliada a grande extensão das regiões Norte e Nordeste, dificultando o acesso da Internet nessas localidades.

⁷ Na literatura de Recuero, atores, ou atores sociais, representam as pessoas que utilizam as redes sociais na Internet, são por meio deles que são construídas as estruturas sociais e as interações entre eles mesmos.

apropriar-se dos dispositivos móveis, celulares, fugindo do padrão antigo de apenas ser no computador a possibilidade de ser acessado, invadindo as ruas do mundo todo.

Todo o efeito dessa apropriação das tecnologias para se comunicar pode promover nos jovens um distanciamento das relações dentro da sua objetividade (relações presenciais com os outros e com a realidade que os cercam), de sua relação direta com seu próprio corpo, e na subjetividade do sujeito. Guattari (1992, p. 20), assim reflete sobre a subjetividade:

No ponto em que nos encontramos, a definição provisória mais englobante que eu proporia da subjetividade é: o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva.

Por estar em dependência das relações, o sujeito desenvolve uma intersubjetividade em todo o fenômeno virtual nas redes, dificultando em saber onde começa e termina esse constante processo do “eu/outro”. Essa mudança possibilita novos tipos de relação-de-ser e de ser no mundo, tanto na forma de se reconhecer quanto como os outros o reconhecem. Divergindo dos padrões de relações até então vistas como “normais”, a interação física presencial, para algo novo, podendo ou não ser a normalização das novas gerações, as relações virtuais.

Segundo Lévy (2011), o conceito de virtual traz uma conotação de constantes movimentos em paralelo dependente de uma problemática que busca as possibilidades de se transformar sem se materializar, um eterno há de vir. O virtual⁸ é um processo que tende a uma resolução, mas nunca se concretizando, em meio a processos de virtualizações e atualizações que ocorrem tanto no ambiente real quanto nas redes sociais virtuais.

A rede é definida através de uma alegoria estrutural composta de nós (problemas) e as conexões que elas mesmos estabelecem entre si, a rede social, os nós simbolizam as pessoas, e as conexões, representam os laços sociais (RECUERO, 2020). Toda essa gama nova reflete em diferentes formas de interação, socialização, identificação e percepção dos indivíduos, permitindo um novo parâmetro cultural definido, segundo Lévy (2010b), de cibercultura.

Na perspectiva da psicologia sistêmica esse investimento no ambiente virtual pode trazer consequências como maior sociabilidade, apoio social e afetivo dentro da rede relacional nas redes sociais. Contudo, as redes de relações pelas dinâmicas rápidas de aceitar, negar, bloquear, pode gerar uma crise no sujeito criando um desamparo e instabilidade afetiva, levando ao isolamento social, solidão ou depressão (JULIANO; YUNES, 2014). O apoio social está ligado às interações que o indivíduo faz durante sua vida e a influência delas no

⁸ É a eterna possibilidade de se transformar sem se concretizar, como uma gota de chuva que toca a janela, escorregará inevitavelmente em direção ao solo, contudo, os caminhos que ela vai usar são diversos, e nessa diversidade que o virtual se encontra, nas possibilidades não realizadas.

desenvolvimento de sua personalidade, dependendo da qualidade das interações elas podem trazer benefícios ou malefícios para a saúde física e emocional (JULIANO; YUNES, 2014).

Entendendo que as redes sociais na contemporaneidade são importantes aspectos na constituição das subjetividades dos jovens, a pesquisa tem como finalidade responder ao problema: como tem sido abordado, estudos científicos no cenário brasileiro, as experiências de jovens ao se relacionarem com as redes sociais digitais? A preocupação com o tema surgiu pela atualidade do tema e através do convívio com jovens e até mesmo da utilização do próprio autor da pesquisa das redes sociais virtuais, tendo o interesse de compreender essa nova dinâmica tecnosocial e suas consequências na vida das pessoas.

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo geral levantar características da subjetividade na juventude ao utilizarem as redes sociais digitais por meio de, enquanto os objetivos específicos são: identificar como constroem a sua imagem nas redes sociais na Internet e descrever quais os efeitos na subjetividade ao utilizar as redes sociais digitais. Tal levantamento ocorreu a partir do estudo de artigos produzidos no Brasil no período de 2010 a 2021, presentes nas bases de dados da SCIELO, PePSIC, BVS e Portal do Capes, como será exposto na sequência.

2 MÉTODO

A presente pesquisa trata-se de uma análise qualitativa elaborada através de um acervo bibliográfico. Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa por ter a preocupação em medir níveis de realidade que não podem ser quantificados, visa o entendimento na dimensão das significações, crenças, valores, atitudes, qualquer processo que ocorre entre as relações. Através disso buscou entender espaços simbólicos, subjetivos, produzidos pela cultura em consequência da experiência do homem, que segundo González (2010, p.21)” [...] os processos simbólicos e as emoções produzidos nesses espaços são impossíveis de serem compreendidos por processos padronizados e externos ao sistema subjetivo particular em que o sentido é produzido [...]”.

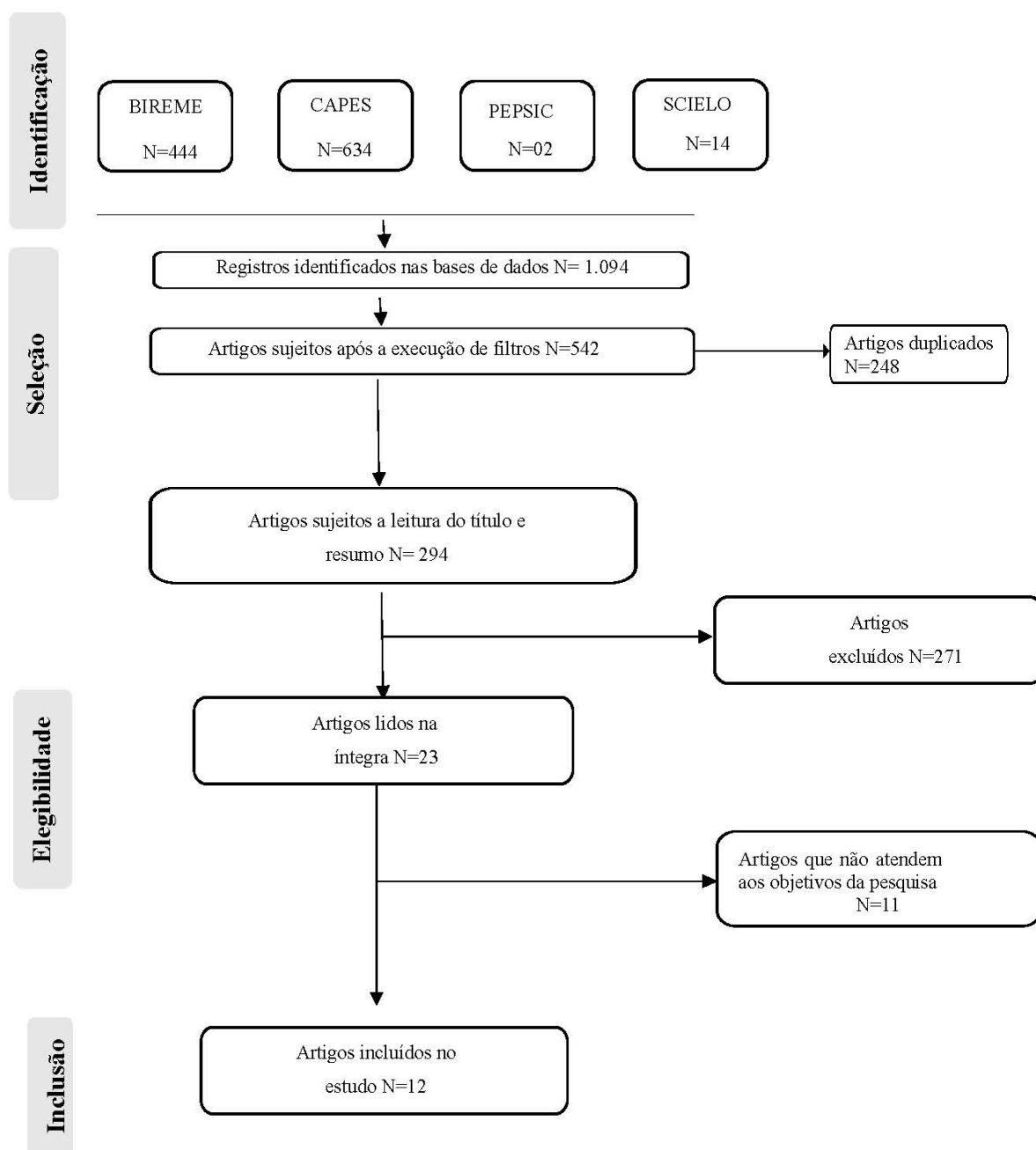
Para a busca bibliográfica, foram utilizadas as palavras-chaves como primeiro termo de busca: Mídias Eletrônicas, Redes Sociais Digitais e Redes Sociais Virtuais. E como segundo termo as palavras-chaves: Jovens, Juventude e Adolescentes. Assim, para a estratégia de busca foi utilizado cada um dos primeiros termos complementado com cada um dos segundos termos ficando dessa forma: (“Mídias Eletrônicas”) AND (“Jovens”); (“Mídias Eletrônicas”) AND (“Juventude”); (“Mídias Eletrônicas”) AND (“Adolescentes”); (“Redes Sociais Digitais”) AND (“Adolescentes”); (“Redes Sociais Digitais”) AND (“Juventude”); (“Redes Sociais Digitais”)

AND (“Jovens”); (“Redes Sociais Virtuais”) AND (“Adolescentes”); (“Redes Sociais Virtuais”) AND (“Jovens”); (“Redes Sociais Virtuais”) AND (“Juventude”). Os critérios utilizados para inclusão de artigos foram: artigos publicados no idioma português; com período de publicação entre 2010 e 2021; artigos publicados e disponíveis no banco de dados virtuais no SCIELO, Portal do Capes, BVS, e PePSIC relacionados a temática; artigos produzidos por profissionais de diversas áreas; artigos relacionados ao contexto redes sociais digitais nos quais foram realizadas pesquisas e intervenções com jovens que utilizam redes sociais digitais; artigos que contemplavam todos os objetivos desta pesquisa. Foram excluídos os artigos que não correspondem com um ou mais objetivos da pesquisa; livros; artigos de revisão da literatura; artigos publicados antes de 2010; e artigos internacionais em que o idioma não for na língua portuguesa e de origem brasileira.

Para o processo de busca bibliográfica foram selecionados banco de dados de acervos científicos que tiveram relação com a temática proposta, redes sociais digitais na perspectiva da juventude. As plataformas de pesquisa selecionadas foram *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), Portal de Periódicos CAPES, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), contudo, por surgir limitações durante as buscas foi aumentado o repertório de palavras-chaves com o intuito de ampliar o campo de resultados. Esta etapa contou com o suporte da bibliotecária Alessandra Pires do suporte da Biblioteca Universitária da Unisul da Pedra Branca que auxiliou nas possibilidades de busca, na modificação dos descritores, suas respectivas combinações que contribuíram para o maior alcance possível de produções. As etapas realizadas foram: identificação dos registros nas bases e dados; utilização de filtro para delimitar as buscas; separação de duplicatas; leitura de título e resumo; e exclusão dos artigos que não atendem os objetivos.

A seguir, será apresentada uma figura que indica a trajetória percorrida para a coleta de dados e seleção dos estudos durante a análise da pesquisa.

Figura 1 – Prisma (Fluxograma) da coleta de dados e seleção dos estudos que compõem a amostra



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Após a sistematização dos dados dos artigos incluídos na pesquisa, foram analisados esses os dados através do método de análise de conteúdo de Bardin, que tem o objetivo de desenvolver processos sistemáticos e com finalidade de descrever o tema de mensagens, sendo quantitativos ou não, resultando em uma conclusão baseada nas condições de formação da produção e da temática na qual passaram os conteúdos das mensagens (BARDIN, 2011).

3 RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados seguiram a organização de dados dos estudos e, desta forma, foram analisados e registrados por área de atuação, metodologia, sujeitos do estudo, referência completa e banco de dados de origem. A seguir apresenta-se as referências dos estudos desta pesquisa:

Quadro 1- Caracterização dos artigos incluídos

ARTIGO	TÍTULO	PARTICIPANTES	METODOLOGIA	ÁREA
A 1	Jovens e sua Percepção Sobre Fake News na Ciência (FAGUNDES et al., 2021).	23 jovens, entre 20 e 24 anos da mesma cidade.	Pesquisa qualitativa de caráter exploratório-descriptivo das percepções dos jovens.	Ciência da Comunicação
A 2	Modalidades de Expressão dos Jovens Gamers nas Redes Sociais Digitais/ Modes of Expression of the Young Gamers in the Digital Social Networks (NOGARA et al., 2019).	Oito jovens maiores de 18 anos de diferentes estados.	Pesquisa qualitativa netnográfica sobre as relações mediadas pelo computador.	Psicologia, Comunicação Social.
A 3	We are Just Bored Teenagers: notas sobre o tédio na adolescência (ROCHA et al., 2018).	Adolescentes de escolas públicas.	Pesquisa intervenção sobre o que fazem nas redes.	Psicologia.
A 4	Geração, Família e Juventude na Era Virtual (STENGEL et al., 2018).	Jovens entre 15 a 24 anos e seus pais.	Pesquisa bibliográfica com fragmentos de entrevistas.	Ciências Sociais, Psicologia.
A 5	Eu no Facebook: percepções de usuários sobre imagens pessoais compartilhadas na rede (GERMANO et al., 2018).	33 jovens, em sua maioria entre 20 e 30 anos.	Pesquisa qualitativa de caráter exploratório sobre a imagem nas redes.	Sociologia, Psicologia.
A 6	Os Jovens e as Redes Sociais Virtuais (BORDIGNON; BONAMIGO, 2017)	Sete jovens entre 18 e 23 anos da mesma cidade.	Pesquisa qualitativa cartográfica sobre as relações mediadas pelas redes.	Psicologia.
A 7	Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook (ROSA et al., 2016).	Dez jovens entre 19 e 30 anos.	Pesquisa qualitativa de caráter exploratório sobre a percepção sobre real e virtual nas redes.	Psicologia.
A 8	Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: Ecurando os adolescentes na escola (LIMA et al., 2015).	Adolescentes entre 11 e 16 anos.	Pesquisa intervenção sobre o uso das redes.	Psicologia.
A 9	Juventude e novas tecnologias da informação e comunicação: tecendo redes de significados (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2014).	Jovens entre 14 e 17 anos.	Pesquisa qualitativa netnográfica sobre a troca cultural nas redes.	Ciências Sociais, Economia Doméstica.

A 10	Os “avatares” do corpo rascunho: Experiência de Jovens Universitários nas Redes Sociais (JUBÉ et al., 2014)	21 jovens entre 17 e 25 anos.	Pesquisa qualitativa de caráter exploratório sobre representação dos corpos nas redes.	Educação Física.
A 11	Padrões de Uso e Motivos para Envolvimento em Redes Sociais Virtuais na Adolescência (ROSADO; JAEGER; DIAS, 2014).	277 estudantes de ensino médio entre 13 e 19 anos	Pesquisa quantitativa descritiva sobre os motivos que levam a usar as redes.	Psicologia.
A 12	Fatores de Risco e de Proteção em Experiências Emocionais de Adolescentes em Redes Sociais da Internet (LIMA, 2012).	13 adolescentes entre 16 e 18 anos.	Pesquisa qualitativa de caráter exploratório sobre a experiência emocional nas redes.	Psicologia.

Quanto aos objetivos apresentados nos 12 artigos encontrados, quatro descreveram os efeitos nos jovens como percebem a própria imagem nas redes (A5, A6, A8 e A12), três o que levam a compartilhar informações (A2, A4 e A5), três sobre a experiência emocional ao utilizarem as redes (A7, A9 e A12) e dois referentes ao que levam a continuar a usar (A3 e A11). Destaca-se que 8 foram pesquisas qualitativas, duas pesquisas interventivas (A3 e A8), uma pesquisa quantitativa (A11) e uma bibliográfica (A4), contudo, utiliza fragmentos de outras pesquisas quantitativas como base, permitindo serem consideradas por irem ao encontro com os objetivos.

Na análise foram identificados os principais pontos que eram relevantes e convergiam com os objetivos da pesquisa. Assim, foram criadas duas categorias de análise que são: ‘O “Eu” Online’, que aborda como constroem a imagem nas redes sociais, e ‘Presenças na Rede’, que se refere aos efeitos na subjetividade a partir da interação com as redes digitais, em especial a extensão dos corpos via publicações.

3.1 O “EU” ONLINE: AS FORMAS DE “ME” CONSTRUIR NAS REDES

As tecnologias foram desenvolvidas através de instrumentos e técnicas para resolver questões práticas do dia-a-dia. Contudo, a apropriação das máquinas no nosso cotidiano trouxe efeitos nos aspectos de socializar e interagir com o mundo, perpetuando não apenas sua capacidade de inovar, mas também de operar, artificializar as relações com o mundo. A característica aqui apresentada encontrada nos artigos pesquisados está relacionada diretamente com a outra categoria, pois o conteúdo virtual físico, escrito, simbólico, sonoro pode ser transformado e compartilhado para atender a algum desejo interno ou externo, conforme encontrado no artigo A8 (LIMA et al., 2015).

A Internet proporcionou o caminho para essa nova dinâmica social e expressiva, através de programas de comunicação por meio de instrumentos de comunicação, como celulares e computadores. Por eles é possível o surgimento das redes sociais que pode ser definida pela manifestação de dois elementos: os atores, que podem ser um indivíduo, um grupo ou entidade, que agem no sentido de estruturação social; e as conexões, os laços sociais que eles estabelecem e moldam essa cultura (RECUERO, 2009).

A “nova cultura” artificial só existe por meio do homem como mediador entre a natureza e o novo. O sujeito contemporâneo desconsidera as tecnologias como parte da própria cultura, nem seus valores ou significações, considera apenas o efeito estético e objetificado em sua interação com elas (LEMOS, 2020). Assim, alguns adolescentes demonstraram interesse em aplicativos de mudança de forma, conforme o artigo A8 de Lima et al. (2015, p. 425):

Elas afirmavam utilizar programas de manipulação de imagem como o Photoshop e outros truques para modificar o corpo e “parecerem mais gostosas”. “É para ganhar mais curtidas!” – as curtidas são uma espécie de aprovação social, e, segundo elas, levam ao alcance da fama na internet”.

Essa facilidade de mudança no campo digital é facilmente apropriada pela nova cultura jovem, ou nativos digitais, que Marc Presky estudou definindo como aqueles que nasceram dentro da cultura mediada por tecnologias digitais, computadores, celulares, smartphones e internet, desenvolvendo um novo tipo de percepção ao utilizá-las (COELHO et al., 2018). O corpo torna-se digital para se sentir pertencente às novas redes sociais, e assim, desenvolvendo dois valores, o de atrair e de ser atraído com a estética do possível no virtual.

Segundo Lévy (2010a) toda essa base de experiências nas relações que cerca uma determinada comunidade é algo que transcende historicamente, com o efeito das técnicas no homem e de seu aprimoramento, o conceito de tecnologia e sua utilização tem se tornado base para diversos tipos de relações que conhecemos hoje. Esse contexto estrutura a experiência dos indivíduos não apenas pela utilização de dispositivos eletrônicos, em manusear, mas também, pela capacidade de extensão do poder imaginativo e comunicativo, tanto singularmente quanto coletivamente.

A representação do corpo se torna livre de amarras, através de uma foto pode-se mudar partes do corpo, podendo ser uma nova pessoa em um corpo bem diferente. A socialização acontece de diferentes formas, desde identificações de como a pessoa se percebe fora das redes, como na antiga rede social Orkut, onde os participantes criavam comunidades como identificado no artigo A10, por Jubé et al. (2010, p. 12): "Eu tenho Olhos verdes; Sim, nós somos branquinhas; baixinhas são as melhores!; Metidos não! Míopes!; Labios carnudos!!!; Adoro Sorrisos Perfeitos!;Sou Muito Mais As Morenas!; Eu sou CHEIROSO (a) e Vc?". Outra

forma também identificada pela autora é através de atividades praticadas ou com interesse como: "Eu Amo Volei!!!; VôleiBrasil; Time Feminino -Agronomia UnB" (JUBÉ et al., 2010, p.17), revelando que a estética é apenas um de tantos motivos para se interligar, mas também o que gosta, o interesse em realizar ou a prática de tal atividade.

Segundo Lévy (2010b, p.132), a cibercultura representa, em si, todo o significado de relação, pois: "a cibercultura a expressão da aspiração de construção de um laço social." Toda a base cultural contemporânea tem o objetivo de unir, aliar os indivíduos através dos interesses e valores que compartilham, em constante movimento relacional, vivendo assim comunitariamente em territórios simbólicos. Contudo, a cultura tecnológica tende a expressar de forma mais profunda a idealização da estética social, uma veneração da forma, objetificando a subjetividade da aparência como base para muitas relações (SIMMEL, 2014). Conforme um relato de um participante no artigo A10 (JUBÉ; FERES, 2010, p.13), "acho que ninguém cria um perfil pra si [...] a gente cria pros outros, entendeu, a gente cria uma imagem pros outros". Nessa fala é percebido a imagem digital como uma moeda de troca para poder ser facilmente aceito nas comunidades, podendo ou não ser representação da própria identidade.

No ciberespaço a construção da identidade, por não haver contato real, ocorre por meios de construção de identidades virtuais, que são representadas através de sites pessoais ou perfis em redes sociais (RECUERO, 2009). Em meio aos processos de socialização o sujeito artificializa essas relações deslocando parâmetros singulares do contexto real para ciberespaço e do contexto virtual para a realidade, possibilitando a colonização da tecnologia em seus corpos (LE MOS, 2020).

Na pesquisa com jovens no município de São Lourenço do Oeste no artigo A6 de Bordignon e Bonamigo (2017), foram demonstradas ideias que divergiam das pesquisas com adolescentes no sentido de como utilizam a internet, a aceitação do próprio corpo e a privacidade. Através dos relatos dos pesquisados há outros interesses que sobrepõem as relações mais estéticas, como a comunicação entre amigos, comunicação familiar, atualização dos acontecimentos por meio de mídias de notícias, contexto acadêmico e profissional. Contudo, ao mesmo tempo que socializa essa percepção, essa forma de investimento, também se distancia, isolando o indivíduo caso queira ou não, fruto dessa dinâmica tecnossocial (LE MOS, 2020).

Da mesma forma com que a cultura se torna acessível também demonstra aspectos excludentes que podem, ou não, potencializar o isolamento do indivíduo pela negação da comunidade em reconhecê-lo como membro. Uma delas é a interpretação das publicações que recebem nas redes sociais, pois a mensagem ao ser compartilhada será interpretada de diferentes

formas não coincidindo mais com a intenção do primeiro autor, provocando muitas vezes conflitos, afetando a imagem do sujeito dentro e fora das redes visto no artigo A6 (BORDIGNON; BONAMIGO, 2017).

Para a psicologia sistêmica o próprio sistema de usuários tende a buscar sua homeostase psicossocial (CELESTINO; BUCHER-MALUSCHKE, 2015). Os frequentadores, usuários, mediam os limites do espaço digital criando leis informais que regulam as relações que acontecem nesse meio retroalimentando através de feedbacks. Assim, os conflitos que surgem vão desenvolvendo um sentido e uma resolução para os participantes, fazendo com que intervenham para protegê-la como dando “Like”, “Dislike”, “Report” ou apenas dando seu comentário e recebendo apoio dos outros usuários.

As redes sociais demonstram diversas possibilidades de formas de interagir fazendo com que a construção do “eu” digital seja dinâmica. A estética almejada faz parte do processo natural de virtualização do ser humano, onde há possibilidade de se transformar sem que necessite materializar-se o desejo, podendo estar dentro do limite do possível e já realizado por outros. Contudo, para haver mudança no sujeito precisa haver uma problematização que surge através das interações com outros, e com isso, uma consciência da forma atual que resiste a possibilidade de mudanças, o sujeito real. Desta forma, as redes sociais digitais possibilitam proporcionar um problema de produção de confrontos do “Eu”, ao se identificar com aquilo que deseja percebe o que não é, e na dificuldade de modificar-se investe na sua forma digital onde pode ser quem deseja ser.

3.2 PRESENCAS NA REDE: A EXTENSÃO DOS CORPOS PELAS MENSAGENS

A segunda categoria de compartilhamento de informações foi ampliada para integrar o sentido de extensão dos corpos por meio das publicações nas redes. Desta forma, o sujeito ao participar de uma rede social deixa rastros de sua existência além de “aumentar” seu corpo de forma digital, permitindo estar em vários lugares ao mesmo tempo, quebrando o limite do espaço físico e do tempo por meio da escrita. A partir da leitura e análise dos artigos, foi identificado que a forma de se expressar, a forma de compartilhar, e como se relacionam com essa subjetividade digitalizada são abordados nas pesquisas de Nogara et al. (2019), Stengel et al. (2018), Germano et al. (2018), Oliveira e Almeida (2014), Rocha et al. (2018), Fagundes et al. (2021), Rosado et al. (2014) e Rosa et al. (2016).

As redes sociais digitais não são formadas apenas de imagens, a escrita é o recurso principal para a comunicação e expressão dos sujeitos. Por meio da escrita ocorre um processo de exteriorização dos pensamentos, ideias e memórias. A escrita, segundo Lévy (2011, p.38):

Virtualizante, a escrita dessincroniza e deslocaliza. Ela fez surgir um dispositivo de comunicação no qual as mensagens muito frequentemente estão separadas no tempo e no espaço de sua fonte de emissão, e portanto são recebidas fora de contexto.

Assim, fazendo com que a notícia eletrônica na contemporaneidade esteja desprendida do forjador das palavras, sendo eficientes na transmissão, no alcance, mas fácil de descontextualizar sua intenção original. A subjetividade humana surge no movimento de repasse da mensagem, através da experiência e do conhecimento do sujeito receptor, cria um sentido, uma intencionalidade de significação da mensagem do outro, interpretando de sua própria maneira (LÉVY, 2011). A digitalização da escrita leva características de seu autor, contudo, sendo citados ou não, pois na Internet há diversas formas e caminhos de repasse das informações, ignorando as fronteiras do espaço de seus usuários. Logo, o sujeito se encontra em diferentes lugares, como comunidades e grupos virtuais, ampliando sua capacidade de se comunicar e interagir.

A pesquisa de Nogara et al. (2019) no artigo A2 explicita bem a importância da expressão da escrita no contexto digital, nela são identificadas as conexões baseadas no que é “falado” por meio de chats, comunidades, fóruns e aplicativos de comunicação. Nele foi definido um tema, o interesse principal de discussão, troca de informações dos sujeitos, para compreender o vínculo que desenvolvem nas redes. Para Rafael, um dos participantes da pesquisa, um dos motivos que o leva a entrar e participar dos grupos é: “dar minha opinião e falar sobre um assunto que eu gosto... eu vejo a opinião de outras pessoas” artigo A2 (NOGARA et al., 2019, p. 126). Enquanto outros participantes demonstraram o interesse em reconhecer falas e ideias dos outros através do mecanismo de “like” e “compartilhar” que as redes fornecem, reconhecendo de forma anunciada a opinião do outro e proporcionando um prolongamento do alcance que a mensagem pode chegar. Nesse contexto, o singular se torna coletivo, onde o compartilhamento de dados em que uma voz ou opinião torna-se também de outros.

No artigo A7 de Rosa et al. (2016) destaca a quebra das fronteiras do espaço, a quão limitada é a comunicação no mundo externo, mediado pela presença do sujeito, enquanto que na virtualidade as possibilidades de diálogo são maiores. Os participantes da pesquisa do A7 (ROSA et al., 2016) relataram as limitações que percebem entre o real e o virtual, na tentativa de diferenciar entre os dois conceitos uma das entrevistadas descreve que:

[...]A diferença é que, no mundo real, você está lá com as pessoas e, no mundo virtual, as pessoas estão lá, e você também, mas não estamos juntos literalmente. É como se estivéssemos todos unidos sem estar, porque a gente conversa, conta as coisas, fica sabendo de coisas sem necessariamente ver as pessoas (p.267).

O processo de desterritorialização do sujeito e de suas produções estão além da geografia do mundo, estando em um lugar que de fato não está realmente em lugar algum ao mesmo tempo que está acessível a todos (LÉVY, 2011). O deslocamento do mensageiro se torna desnecessário, pois as redes sociais tornaram constantes o fluxo de informações, aumentando a velocidade e trazendo os mesmos efeitos para a subjetividade do sujeito.

Conforme o artigo A4 de Stengel et al. (2018), a desterritorialização avançou para outros contextos além das redes sociais, para fora e dentro das famílias. As posições familiares dos pais como detentores do conhecimento ficaram fragilizadas por intermédio da internet, as gerações de jovens que nasceram dentro da globalização conseguem aprender e compreender melhor os fenômenos das redes. A transmissão multigeracional que antes acontecia é configurada, não funcionando da mesma forma como aconteciam com as gerações passadas a comunicação, logo, o processo familiar desenvolve estruturas diferentes e relações diferentes (CELESTINO; BUCHER-MALUSCHKE, 2015). A relação familiar se torna mista, em momentos os pais proporcionam ajuda e em outros os filhos, como relata a participante Fabíola do artigo A4 (STENGEL et al., 2018, p.433):

Às vezes, eles, pra assistir alguma série, aí eles não conseguem ou alguma [atividade] sempre relacionada à Facebook. Meu pai sempre quer postar uma foto, aí ele sempre fala: “Minha filha, me ajuda aqui, porque eu não consigo postar essa foto, não sei como faz ela aparecer”. Aí eu tenho que ir lá e explicar.

O equilíbrio familiar é garantido através das “lealdades invisíveis” proposta por Boszormenyi-Nagy, onde que as obrigações estabelecidas através das intergerações mantendo o sistema familiar em equilíbrio, em um sistema de dar e receber (CELESTINO; BUCHER-MALUSCHKE, 2015). Quem recebe fica em dívida ficando na obrigação a retribuir de alguma forma, como um pai ajudando um filho e vice e versa, uma interação de circularidade.

A desterritorialização possibilitou também o nascimento de um novo tipo de fenômeno cultural chamado cibercultura, resultado dos avanços da técnica aliados ao espírito da época atual; exclusão do tempo, o imediatismo, facilidade de acesso e a ideologia de globalização (LE MOS, 2020). Reestruturando a cultura como conhecemos em um ciberespaço⁹. Segundo a Miranda (2000):

⁹ O termo foi criado pela primeira vez por Wiliam Gibson na obra de 1984 chamada Neuromancer. nas palavras do autor: "Ciberespaço. Uma alucinação consensual diariamente experimentada por bilhões de operadores legítimos, em cada país, por crianças a quem são ensinados conceitos matemáticos... Uma representação gráfica

O ciberespaço possibilita novas formas de interação, redimensionando a relação do sujeito com o tempo e o espaço. [...] A internet representa, sem dúvida um modo de produção subjetiva contemporânea, um lugar, mesmo que virtual, de produção de valores, costumes, linguagem (p. 40).

O ciberespaço possibilitou também o protagonismo de jovens e adolescentes, buscando neles mesmos a representatividade em diversos contextos, como no caso da pesquisa A9 de Oliveira e Almeida (2014), que ao questionar alunos do ensino médio observaram a falta de espaço para as opiniões deles no contexto escolar. Contudo, o espaço virtual propiciou a valorização das vozes para discutir os sistemas existentes com histórico de silenciar a adolescência e a juventude, conforme o relato de uma jovem de 16 anos no artigo A9 (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2014, p.85):

O facebook é um espaço onde a gente pode se expressar, desabafar sobre as coisas que não concordamos na sociedade, serve também pra gente reivindicar, pois permite que qualquer pessoa opine sobre os assuntos e os fatos que estão acontecendo no mundo [...].

Essa posição entre infante e o adulto gera confusões para a maior parte dos jovens, pois há momentos onde são tratados como crianças e outras indagado como adulto, não reconhecendo sua real posição na sociedade. Segundo a Bock et al. (1999), os comportamentos dos adolescentes, por passarem por um momento de confronto dicotômico, valores e normas, postos por sua família podem gerar um conflito com as da sociedade, refletindo em como é percebido. Conforme Patias et al. (2013, p.206) “O adolescente elabora sua história de vida passada, o momento presente e suas expectativas futuras para construir um senso de identidade próprio.”, que através do conflito constrói outras formas de interagir e de se relacionar com o mundo, destituindo hierarquias sociais onde apenas o adulto poderia ter voz de influência. Segundo Peralva (1997, p.65):

O velho se impõe sobre o novo; o passado informa o futuro e esta definição cultural da ordem moderna define as relações entre adultos e jovens, estabelecendo o lugar no mundo para cada idade da vida. O jovem é aquele que se integra mal, resiste à socialização, se desvia do padrão, sendo a representação do desvio.

Contudo, essa nova forma de relação tecnossocial dificuldades para alguns jovens em se manter afastado das redes, ou em ficar sozinho. A pesquisa A3 realizada por Rocha et al. (2018) entrevistou esses adolescentes para identificar o significado do tédio na concepção deles e como reagem a essa sensação. As consequências do imediatismo nessa profunda demanda de precisar estar em constantes relações gera um sofrimento por não suportar a solidão digital podendo desencadear um diagnóstico de depressão para o sujeito.

de dados extraídos de bancos de cada computador do sistema humano. Complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas no não-espaco da mente, clusters e constelações de dados. Como luzes da cidade, afastando-se”.

Além disso, o grande fluxo de informações gera outro tipo de problema, a da credibilidade. Para saber qual notícia é verdadeira na era das mídias são necessárias diversas referências, e entre elas, as próprias mídias. Assim, o estudo A1 de Fagundes et al. (2021) buscou compreender como os jovens percebem as notícias falsas e vivenciam pessoas próximas transmitindo desinformação. Desta forma, a desconfiança torna-se outro fator nas redes sociais em que os jovens experienciam cotidianamente.

As redes sociais têm modificado a subjetividade dos usuários jovens trazendo mudanças em como interagem dentro e fora dela. No expressar e no reconhecimento nas falas do outro ampliam sua rede de significados ao mesmo tempo que perpetuam a mensagem ao compartilhá-la, tornando-se um agente de mudança e de expressão dentro do mundo digital. Enquanto o processo de desterritorialização afeta não apenas como veem as relações digitais, sem muitas diferenças entre o presencial e o virtual, mas também as no plano real, modificando estruturas familiares. O filho pode tornar-se o provedor em determinados contextos por dominar mais conhecimentos que seus familiares no contexto digital, proporcionando uma circularidade entre os papéis da família contemporânea. Contudo, os efeitos do imediatismo dificultam as experiências dos jovens ao se afastarem das redes, incapacitando alguns sujeitos em estarem sozinhos. Assim, podendo desenvolver um sofrimento por solidão digital, falta de interações nas redes, mesmo não estando presencialmente só.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme as experiências e narrativas nas publicações científicas brasileiras e as discussões que foram promovidas, foi percebido a importância em desenvolver pesquisas a respeito dos jovens e das redes digitais. A contribuição dos estudos encontrados trouxe uma maior compreensão dos fenômenos que surgem nas relações internas e externas as redes, e reavaliando como sujeitos ativos e de constante mudança por intermédio da Internet.

A complexidade de dimensões que a prática de uso das tecnologias vai além de um exercício cognitivo criativo, mas de permitir habitar e ser habitado constantemente pela subjetividade do outro, pelo compartilhamento da própria, pela possibilidade de não-pertencer a própria singularidade. Esse processo pode levar a novos formatos de percepções e relações, sendo positivas ou não, trazendo novos processos de identidade social e compartilhamento social, onde ao mesmo tempo que sou um faço parte de todos, em uma dinâmica consequente de nossa cultura tecnosocial.

O presente estudo cruzou com diversos conceitos entrelaçados com a psicologia sistêmica, como globalização padrão de relação, a própria rede social já conota uma relação

direta com a parte teórica. A busca bibliográfica permitiu esses encontros através das falas dos participantes das pesquisas, propiciando uma visibilidade a diferentes fenômenos que surgem na interação dos jovens com as redes sociais digitais, a forma como constroem sua imagem virtual e os efeitos em sua subjetividade.

Contudo, a pesquisa inicialmente tinha o intuito de ser realizada em campo e por conta da morosa aprovação e retorno do CEP, a pesquisa foi adaptada para contemplar a temática já aprofundada. No decorrer da análise e busca por dados foi percebido as limitações que a troca do método ocasionaria com os resultados pretendidos no começo, sendo necessário modificar os objetivos também pelas limitações dos dados encontrados nas produções científicas. A lacuna encontrada sobre a temática nos bancos de dados evidenciou as poucas produções que existem no Brasil, mostrando a necessidade de realizar mais pesquisas interdisciplinares com a Psicologia. Só a realização de mais pesquisas poderá demonstrar e compreender os reais efeitos no uso prolongado e nas mudanças na subjetividade que as gerações mais novas se expõem nas redes sociais digitais.

REFERÊNCIAS

BARDIN. Laurence. *Análise de Conteúdo*/ Laurence Bardin; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOCK, Ana B.; FURTADO; Odair; TEXEIRA, M. de L. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 1999.

BORDIGNON, Cristina; BONAMIGO, Irme Salete. Os jovens e as redes sociais virtuais. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 310-326, ago. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 12 nov. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 1990. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acessado em: 17 de abril de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde**: Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Brasília, 2007. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf>. Acessado em 11 de junho de 2021.

CASTRO, L. R. de, MATOS, A. R. **O que a política tem a ver com a transformação de si?** Considerações sobre a ação política a partir da juventude, *Análise Social* XLIV (193), 787-817, 2009.

CELESTINO, V. R. R., & BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. (2015). Um novo olhar para a abordagem sistêmica na psicologia. **FACEF Pesquisa – Desenvolvimento e Gestão**. 2015, v. 18, n. 3, p. 318-329.

CHALLONER, Jack. **1001 Invenções que mudaram o mundo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

COELHO, Patricia et. al. Saber Digital e suas Urgências: reflexões sobre imigrantes e nativos digitais. *Educação & Realidade* [online]. 2018, v. 43, n. 3, pp. 1077-1094. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623674528>>. Acessado em 14 novembro 2021.

DORON, R.; PAROT, F. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

FAGUNDES, Vanessa Oliveira et al. Jovens e sua percepção sobre fake news na ciência. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* [online]. 2021, v. 16, n. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2020-0027>>. Acessado em 12 novembro de 2021.

GERMANO, Idilva Maria Pires et al. Eu no facebook: percepções de usuários sobre imagens pessoais compartilhadas na rede. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 482-505, ago. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 12 nov. 2021

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Editora Aleph, 1991.

GONZÁLEZ, R. F. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os processos de Construção da Informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GRINSPUN, M. P. S. Z; GUIMARÃES, G. G. Revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade. *GT-20: Psicologia da Educação*, UERJ, 2008. Disponível em< https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt20-4136-int_0.pdf>. Acessado em 29 de jun. de 2021.

GUATARRI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético** (A. L. Oliveira e L. C. Leão, Trad.). São Paulo: 34, 1992.

IBGE. **IBGE EDUCA**, 2019. Uso da internet, televisão e celular no Brasil. Disponível em::<<https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/2697-ie-ibge-educa/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>>. Acessado em: 12 de abril de 2021.

JUBÉ, C. N.; ALMEIDA, D. F. de; FERES NETO, A. Os “avatares” do corpo rascunho: Experiência de Jovens Universitários nas Redes Sociais. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 17, n. 1, 2014. DOI: 10.35699/1981-3171.2014.621. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/621>. Acessado em: 14 nov. 2021.

JULIANO, M. C. C.; YUNES, M. A. M. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente & Sociedade* [online]. 2014, v. 17, n. 3, pp.

135-154. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300009>>. Acessado em 29 Out 2014.

LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias de inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Ed. 34, 2010a (2ª Edição).

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010b (3ª Edição).

LÉVY, P. **O que é virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2011(2ª Edição).

LIMA, Nádia Laguárdia de et al. Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: escurando os adolescentes na escola. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 421-440, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282015000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 14 nov. 2021.

LIMA, Aline Ferreira de. FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO EM EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS DE ADOLESCENTES EM REDES SOCIAIS DA INTERNET. 2012. 77 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da saúde) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

MARCELLI, D.; BRACONNIER, A. **Adolescência e psicopatologia**. 6. ed. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis – Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

MIRANDA, L. (2000). Subjetividade: a (des)construção de um conceito. Em Jobim e Souza, S. (Org.). **Subjetividade em questão**: a infância como crítica da cultura (pp. 29-46). Rio de Janeiro: 7 letras.

NOGARA, Michel Andrew et al. Modalidades de Expressão dos Jovens Gamers nas Redes Sociais Digitais Modes of Expression of the Young Gamers in the Digital Social Networks. **Aletheia**, Canoas, v. 52, n. 2, p. 123-133, dez. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942019000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 12 nov. 2021.

OLIVEIRA, Jaiane Araujo de; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. Juventude e novas tecnologias da informação e comunicação: tecendo redes de significados. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 6, n. 2, p. 70-89, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912014000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 14 nov. 2021.

PATIAS, N. D.; JAGER, M. E.; FIORIN, P. C.; DIAS, A. C. G. CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DA ADOLESCÊNCIA: Implicação na Percepção da Gravidez na

Adolescência Como um Problema. **Revista Contexto & Saúde**, [S. l.], v. 11, n. 20, p. 205–214, 2013. DOI: 10.21527/2176-7114.2011.20.205-214. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1519>. Acesso em: 11 jun. 2021.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 15-24, 1997.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

ROCHA, Paula Melgaço da et al. We are just bored teenagers: notas sobre o tédio na adolescência. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 167-181, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217648912018000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 12 nov. 2021.

ROSA, G. A. M., & SANTOS, B. R. dos, & FALEIRO, V. de P. Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook. **Psicologia USP [online]**. 2016, v. 27, n. 2, pp. 263-272. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-656420130026>>. Acessado em 12 novembro 2021.

ROSADO, Juliana Szpoganicz. JAGER, Márcia Elisa. DIAS, Ana Cristina Garcia. Padrões de uso e motivos para envolvimento em redes sociais virtuais na adolescência. **Interação Psicol**, Curitiba, v. 18, n. 1, p. 13-23, jan/abr. 2014.

SIMMEL, Georg. O conceito e a tragédia da cultura. Tradução de Antonio Carlos Santos, Trad.). **Crítica Cultural – Critic**. Palhoça, SC, v. 9, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2014.

STENGEL, Márcia et al. Geração, família e juventude na era virtual. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 424-441, ago. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 12 nov. 2021.

WEARESOCIAL. **We Are Social**. Digital In 2020. Disponível em:< <https://wearesocial.com/digital-2020>>. Acessado em 08 de junho de 2021.